DF: Paz México, 2000.

NICHOLAS ST J. DREY. Primary school-based art therapy: exploratory study of changes in children's social, emotional and mental health, International Journal of Art Therapy, 24:3, 125-138, 2019.

ROCHA, Virginia Maria Pereira da. Contos com arte: em educação e arteterapia (volume 2). Curitiba: Appris, 2018.

YAVORSKI, Rosely. A arteterapia na educação infantil com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do

Conhecimento. Ano 04, Ed. 12, Vol. 04, pp. 05-24. dezembro de 2019.

O LÚDICO E O ENSINO DE HISTÓRIA

REGINA ROSE VADT

RESUMO

O presente artigo traz uma discussão acerca da utilização de ferramentas pedagógicas alternativas no ensino de história, mais especificamente do lúdico. O assunto lúdico na educação tem chamado a atenção de diversos estudiosos do assunto no sentido de melhor compreensão de como os professores devem atuar nesse campo e de suas implicações na formação das crianças. Este trabalho visou verificar as contribuições que a escola e os professores podem oferecer aos alunos através do lúdico como recurso pedagógico no ensino de História. Esses temas evidenciam como base nos pensamentos de diferentes estudiosos, a importância sobre o assunto pesquisado. De modo geral, a pesquisa evidenciou a ideia de que o lúdico desempenha um papel benéfico no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de História; Recurso Pedagógico; Lúdico.

INTRODUÇÃO

Com o progresso da tecnologia a maior facilidade e presteza ao acesso a informação, a escola deixou de ser a única reprodutora de conhecimento e o método tradicional de ensino, ainda empregado pela maior parte das escolas, reforçam a ideia da maior parte dos alunos de que a escola se tornou um ambiente de aprendizagem completamente mecanicista. Compreende-se a precisão do uso de ferramentas que ajudem o aluno a instruir-se de modo expressivo e prazeroso, nesse caso se escolhei o lúdico.

No conjunto escolar, o brincar é abrangido como atividade lúdica e, logo, determina ações propositadas que irão gerar a construção de raciocínios cada vez mais complicados, adaptando o desenvolvimento irrestrito do aluno. (FREIRE, 1990).

No ensino da História, segundo dizem os PCN (1997), o lúdico favorece um conhecimento funcional do aluno na preparação do conhecimento, como uma atividade construtiva que está sujeita, ao mesmo tempo, da explanação, da preferência e das formas de estabelecer relações entre informações. Alguns questionamentos deverão ser feitos: O lúdico beneficia a aprendizagem? O ensino de História aproveita o lúdico como recurso pedagógico.

Pensar sobre essas propostas parece conveniente para que a História possa viabilizar caminhos que certamente colaborarão para a concepção dos educadores quanto à concepção da cidadania e progresso da educação, proporcionando princípios do ensino bem-sucedido no desenvolvimento de agentes sociais conscientes de sua realidade. Esta pesquisa preferiu essa temática procurando, sobretudo, buscar o lúdico como recurso pedagógico no ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental.

Para que este trabalho fosse realizado, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, empregando a leitura sobre alguns autores que abordam sobre este assunto. No primeiro capítulo trataremos A escola como um espaço escolar que é capaz também de orientar, no segundo capítulo fará uma análise da Interdisciplinaridade e a didática no Ensino de História, já no terceiro capítulo abordaremos sobre as metodologias e a contribuição da música no Ensino de História.

1. A IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAR HISTÓRIA

O ensino da história vai mais adiante que imprimir conhecimentos de determinado local, ambiente em que os alunos convivem. É essencial que o indivíduo reconheça a história do seu dia a dia, como de seu Estado, País e do mundo, para que de tal maneira incluía o porquê de como chegamos até aqui, como se ampliou as culturas, políticas, estruturas, economia, entre outras propriedades. Para Pereira (2013, p. 13), "conhecer a sua história permite ao sujeito compreender o que acontece nesse lugar, perceber que o município mundo", portanto, admitir os fatos e ocorrências que ocorreram no passado adequa o aluno a achar o porquê do desenvolvimento e as particularidades de algum local.

Pellegrini et al. (2009, p. 14), diz que: "Os conceitos importantes para a história são: A política, a cultura, o trabalho, a eco-

nomia e o capitalismo". Esses são as fundamentais características que entusiasmam na concepção e desenvolvimento da história independente dela ser de uma localidade definida, sendo ela pequena ou grande, como também de um Estado, Nação ou do Mundo.

Reconhecer e abranger os acontecimentos do passado, das obras para sobreviver e desenvolvimento, protege na concepção e desenvolvimento do presente e no futuro da população, já que por meio do passado são aperfeiçoados os atos histórico-culturais da população e por meio delas são atingidos os programas para o futuro. Pellegrini et al. (2009, p. 10) apresenta a disciplina de história como ciência descrevem que: "É o estudo das ações dos seres humanos no tempo e no espaço". Assim sendo essa disciplina informa aos alunos as alterações toleradas ao longo do tempo na sociedade, os porquês ocorreram, como elas estiveram aumentadas, e como influenciam na ação cultural e de ampliação contemporânea da população. É admirável dizer que cada local tem uma história diferençada da outra, transformando de acordo com as espécies estruturais, conflituosas, culturais, políticas e outros jeitos que entusiasmam no cotidiano de determinada localidade.

É importante destacar que devido os experimentos do passado não podem influenciar nos atos futuros ainda que, podem ser reproduzidas pela sociedade ao longo dos tempos. (PELLEGRINI et al. 2009, p. 11)

As transformações que constituem a história são decorrentes as alterações toleradas na sociedade, cultura, tecnologia, econômica, política. Tais alterações podem ser estáveis ou não, ou, além disso, aguentar as transformações mais rápidas ou mais lentas. A classificação é um instrumento secundário empregado para estabelecer os tempos históricos, ajustando a mais perfeita inclusão dos acontecimentos, entretanto essa ferramenta é exclusivamente secundária.

Como sendo membro de alguma história, intervindo transversalmente no rumo dela, entretanto determinadas pessoas se sobressaem devido à altivez de suas obras, podendo ser de atitudes delineadas ou não. Diferentes influências que se sobressaem na concepção e desenvolvimento da história são os mandos positivos e negativos. Se pode usar o controle positivo como uma grande descoberta tecnológica, exemplo de influência negativa é uma tragédia que gera vítimas para intervir de alguma maneira na história, podendo ser na história exclusivamente de um local pequeno, ou como influencia na história de grupos máximos, povos ou na história mundial. (Pellegrini et al,2009, p. 10)

2. O ENSINO DA DISCIPLNA DE HISTÓRIA NA ATUALIDADE

Os alunos combatem o conhecimento de História pelo modo que é ensinado, fundamentando-se também na multiplicação dos conteúdos, tornando-se igualmente árduo e improvisando que o professor não fique sem vincular a atenção de seus alunos. Com a utilização de novas metodologias e do lúdico é plausível despertar no aluno a importância da história, fazendo com que exista uma máxima informação em construções coletivas, estimando e valorizando sua participação nas aulas. Ressalta-se que os professores de História com concepção conservadora tendem a ter problemas em tornar os conteúdos de uma maneira ativa, que permitiria uma aprendizagem palpável, prazerosa e estabelecida pelos próprios alunos. (SCHMIDT, 2005)

Conforme Schmidt (2005) tem uma década a afinidade da modernização dos currículos de 1º e 2º graus e a denominação e atualização de professores de história. Assim sendo, muitos valores e recursos humanos e financeiros estiveram e permanecem dispensados neste sentido em diversos estados do Brasil, por parte de Secretarias de Educação e Estabelecimentos de Ensino Superior e de 1º e 2º graus. Entretanto no que se mencionam a práticas diárias do professor, em sala de aula, os objetivos recomendados ainda não foram percebidos e as variações também não são suficientes ou ainda não estão ocorrendo.

O ensino tradicional em que o professor apenas repassador seus conteúdos ainda existem, já que é complicado para muitos, o consentimento das transformações, pelo receio do novo e inclusive por ignorarem o modo de interceder os dados e não os fixar. Embora o avanço tecnológico desse século, o ensino de História tem se fundamentado também na reprodução grosseira dos conteúdos, tornando-se invariável e custoso de tal modo que o professor não obtém vincular a prudência de prender a atenção de seus alunos. O que se pode averiguar é uma precisão urgente de ensinar História. Deste modo, o que se busca é uma práxis docente que fique distante da figura do "professorenciclopédia", beneficiando o "professor-consultor", que coopere para a constituição da informação de seus alunos em sala de aula. (SCHMIDT, 2005)

O professor provendo informações para a constituição do conhecimento e instruindo o aluno a discorrer de forma questionadora e problematizadora, o induz à procura de recursos, induzindo-os a compartilharem ativamente das aulas, permitindo ser um apenas um expectador para tornar se ator do conteúdo que lhe é relembrado, estabelecendo e instruindo-se numa forma autônoma. Por meio do lúdico e de inovações metodológicas é plausível despertar o interesse do aluno, para que se torne submisso a suas atuações, compartilhando de construções coletivas, desvelando sua autoestima, apreciando suas invenções e refletindo de um jeito a acrescentar ao seu desenvolvimento interior e mais adiante de promover sua aprendiza-

gem. Por meio disso, o controle mútuo entre professor e aluno permanecerá provocado, oferecendo oportunidade de o professor satisfazer sua ideia e a gerar uma prática pessoal, por meio das implicações impetradas, o que continuamente lhe deixará uma autoavaliação. (THEODORO, 2003, p. 53)

Compete ao professor de história, consequentemente, a responsabilidade de ensinar o aluno a entender e apreciar assuntos diferençados. Com o auxílio do professor, o aluno deve conseguir alçar suas dificuldades, colocá-los num conjunto vasto de diversos problemas, analisando cada aula de história os temas prováveis. Caso não saiba distinguir a dificuldade, analisar uma condição por vários ângulos, trabalhar múltiplas transformações, colocar afinidades, debater as premissas, não acharemos o campo do aceitável. (THEODORO, 2003, p. 53)

Por meio do parecer da pesquisa-ação e da comprovação e prática do caderno pedagógico, mostra-se que não é complicado transformar e que as variações positivas podem promover o trabalho do professor, e mais adiante, promover sua autoestima e o amor pela profissão. (THEODORO, 2003, p. 53)

A História sucessivamente foi membro ativo do currículo escolar da educação básica. Até no período colonial, com o ensino jesuíta, ela estava lá, na figura de História Sagrada ou de Histórias de vidas de santos. Por vezes seus conteúdos se ajustaram com os de história, oferecendo procedência a disciplina de Estudos Sociais. Entretanto, mesmo dissimulada, ela de maneira qualquer permaneceu afastada. Ainda que a disciplina de história se encontrava despedaçada em pleno século XXI, a História como disciplina, ou campo do conhecimento, não deixa de ficarem respeitável e influente em outras situações sociais, nas analogias entre as pessoas, na importância aos distintos modos de vida, grupos e comunidades, sendo assim, na procura dos acontecimentos da sociedade.

Analisar, que a aprendizagem do conhecimento histórico sempre foi essencial nas analogias pessoais e interpessoais, isto é, no campo (educacional, cultural, social, ético, moral, na busca visível dos fatos, tempo, espaço, e na imaginação crítico do passado sobre o presente). É pertinente mencionar, que o ensino de História vai mais adiante do professor/educador completar todos os capítulos do livro, ou as atividades preparadas para aquele semestre, ou de lançar no quadro negro "a linha do tempo" com os acontecimentos históricos que ocorreram na sociedade época após época, como também, de realizar leitura de documentos históricos sem o pensamento embaraçoso em sala de aula, pois tais combates, não colaboram para o entrosamento imediato dos alunos, e nem mesmo, para a ampliação dos estudantes como cidadãos críticos, que compreendam a sociedade em que convive, isto significa que, os educandos não conseguirão improvisar alguns fatos do passado para com o presente.

No contexto escolar os alunos não fazem uso de cadernos, o utiliza apenas para reproduzir escritos puramente tradicionais e enclausurados da realidade em que vivem, sendo assim, o professor/educador somente comunicará em sala de aula informações quebradas e recorrentes, sem afinidade alguma com a vida em sociedade.

É indispensável, que a escola, a sociedade e a comunidade escolar em geral, reavaliem o currículo e a importância do conhecimento histórico na vida dos alunos que estão à escola. Porém, esse repensar sobre o aprendizado de História, deve acontecer de um modo ético, coletivo, com compromisso cultural, educacional e social, agregando importâncias ao ensino de História.

É essencial que possua um entrosamento ponderado em relação ao ensino de História, aos conteúdos, e ao conhecimento histórico. A História é histórica, estabelecida e escrita pelo homem. Sendo assim, o saber é histórico, e consolidado pelo ato do homem no espaço, desde a barbárie. Perante esse acontecimento, compreende-se a importância da História na vida e na aprendizagem das pessoas em diversas épocas. O ensino de História é um componente enriquecedor, que abrange a realidade social das ocorrências. É necessário que as futuras proles apresentem acessibilidade ao conhecimento histórico, para então, ficarem protegidos em suas escolhas, isto é, atuarem criteriosamente e alcançarem um posicionamento eticamente em diversos contextos sociais.

Para conferir com mais destaque a influência do ensino de História na vida das pessoas em sociedade, é imprescindível uma ponderação em torno da História, como por exemplo: "Como seria nossas afinidades pessoais e interpessoais se habitássemos em uma sociedade onde o conhecimento histórico não houvesse ou ficasse abolido pouco a pouco?". Por um momento, parece-nos sem significado em alguns momentos, pensarmos sobre essa suposição, mas ao considerarmos concretamente é plausível averiguar, que se o ensino de História não permanecesse em nossa sociedade, as analogias com o mundo e com as pessoas estariam muito mais estilhaçadas e fragilizadas sem o saber histórico, pois, seria uma sociedade sem um ingresso ao passado, sem histórias para serem consideradas, averiguadas, discutidas e conjecturadas em família, grupos, comunidades, instituições, etc.

Se por acaso o ensino de História nas escolas fosse suprimido, obviamente, existiria o ingresso a um amplo acervo do conhecimento histórico, determinado socialmente pelas pessoas que conviveram décadas antes de nós. Porém, nota-se, que sem o ensino de História, ficaríamos sem senso crítico, diante o passado, frente à averiguação dos acontecimentos, e das inovações encontradas na visão de passado, presente e futuro.

No campo educacional é essencial que o professor/educador consiga trabalhar com competência, isto é, o educador tem que conhecer e gerar estímulos expressivos no ambiente de trabalho e no ensino-aprendizagem de História, desenvolvendo dificuldades, na procura dos alunos alcançarem sua competência crítica, interrogar e opinar em sala de aula, onde os alunos precisam ser vistos como atuante do seu próprio conhecimento. Os conteúdos de História no contexto formal precisam estar conectados o mais próximo possível da realidade histórica e cultural dos alunos que estão na escola.

O ensino de História tem que ser de qualidade, popular, explicado, acessível a conversa e a discussão. Os alunos necessitam instruir-se historicamente, se anunciar de modo claro e prático, argumentar, conseguir suposições, resguardar seus conceitos, discutir com o professor as dúvidas que aparecem, como até mesmo, trocar conhecimentos e conseguir conceitos diversificados, a respeito do conhecimento histórico já determinado pelo homem na sociedade.(PEREIRA, 2013, p. 13)

Observar a História, é indagar o que aconteceu em cada século, é procurar escolhas, é refletir sobre os métodos e implicações futuras, para envolver de fato, os episódios do presente.

O ensino de História no contexto escolar defende a concepção dos acontecimentos da sociedade, e, sobretudo, na concepção de quem somos, porque, somos seres sociais e culturais, somos seres apropriados para estabelecermos nossa oportuna identidade, seja ela, individual, coletiva, regional, nacional etc.

A História providencia pilares construtivos para a concepção cidadã dos educandos, tanto na dimensão no desenvolvimento crítico, cultural, reflexivo, ético, moral, quanto para o desenvolvimento social e a importância com a heterogeneidade.

Devemos valorizar a História e preservá-la no contexto escolar, onde o professor de História precisa do conhecimento de trabalhar eticamente, com apoio de pesquisas, e citações metodológicas, conseguindo improvisar bom uso de embasamento histórico em sala de aula, e abandonando um pouco do "quadro negro", isto é, o ensino em "quatro paredes". De modo óbvio, o uso de materiais palpáveis e caracterizados no ambiente educacional, beneficia o entendimento a respeito do ensino de História, onde o professor pode inventar alguns usos, como, o apontamento de escritos iconográficos, harmoniosos, figuras e trabalhar em grupos nos ambientes não formais, causando contestações e ponderação sobre a História.

Devemos lembrar que o ensino de História se encontra voltado a valores fundamentais para a vida em sociedade, e para o conhecimento construtivo dos alunos. Deve-se apreciar a memória de cada sujeito, que com certeza, estabeleceu uma história, ou deixou marcas na época em que existiu, é necessário saber reverenciar, pois cada pessoa tem liberdade para sugerir e seguir seu caminho, e estabelecer sua história. A aprendizagem de História precisa ter como desígnio básico, compor os alunos para que sejam cidadãos independentes, críticos, questionadores dos diferentes fatos existentes, e agentes na sociedade em que estão inseridos.

No âmbito escolar, os alunos precisam de uma aprendizagem favorável e expressiva na disciplina de História, onde precisa existir um entendimento, um bate-papo e um intercâmbio qualitativos no ensino de história, conferindo o presente, na procura de conseguir um ponto de vista positivo na educação atual. Deve-se apresentar a história do passado, com empenho diante o presente, de maneira suave e divertida, levando sempre em conta os interesses dos alunos, onde a realidade precisa ser colocada nas atividades, podendo em alguns momentos, o professor proporcionar uma aula diferençada. Entretanto, o professor/educador deve procurar despertar emoções independentes nos alunos, animando-os e preparando-os para envolver da melhor maneira aceitável a História, o conhecimento histórico, proporcionando desafios e resolução de dificuldades para qualquer turma, com alicerce em uma interferência de qualidade no ensino-aprendizagem.

3. O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DE HISTÓRIA

A educação é uma ação de aprendizagem continuada e imutável, imprescindível a pessoa, beneficia as semelhanças igualitárias e ainda, é um elemento pelo qual a sociedade se reconstrói, estabelecendo também um processo de transparência cultural. Sendo respeitável na construção e desenvolvimento da atitude do sujeito, a educação tem um papel bem maior. Portanto, o papel essencial do professor e da educação no desenvolvimento do indivíduo e do coletivo estende-se também no despertar do novo milênio e assinala para a precisão de se instalar uma escola em torno da concepção de cidadãos, segundo os PCNs (BRASIL, 1997). O ensino e a aprendizagem de História no Ensino Fundamental se embasam no trabalho do professor, que precisa colocar o aluno no mundo da leitura e das várias composições de conhecimento, com a visão histórica das ocorrências e das pessoas atuantes.

Neste ponto de vista, o professor desempenha um papel essencial na construção do conhecimento histórico, pois "a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva." (FONSECA, 2005, p, 89). O desígnio fundamental da escola é a educação irrestrita do indivíduo, distinguindo a seriedade de considerar o ser humano na sua

totalidade, constituindo uma dependência do sujeito com o ambiente que está inserido, abrangido como um espaço próximo ou remoto que implica na aprendizagem do aluno. A escola e o professor têm como início principal o desenvolvimento dos cidadãos nas suas percepções mais extensas e populares. Nessa situação, se faz imprescindível a constituição de uma técnica pedagógica que privilegie as contestações viventes no ambiente de sala de aula.

Assim sendo, Caniato, (1997) discorre que:

A escola deve e pode ser o lugar onde, de maneira mais sistemática e orientada, aprendemos a Ler o Mundo e a interagir com ele. Ler o mundo significa aqui poder entender e interpretar o funcionamento da Natureza e as interações dos homens com ela e dos homens entre si. Na escola podemos exercitar, aferir e refletir sobre a Ação que praticamos e que é feita sobre nós. Isso não significa que só na escola se faça isso. Ela deve ser o lugar em que praticamos a Leitura do Mundo e a Interação com ele de maneira orientada, crítica e sistemática. (Caniato, 1997. p, 65)

Isso significada que, o professor de História toma um jeito principal na crítica dessa ocorrência e na probabilidade de erguer condições reais de superação por meio da destreza pedagógica que foi por ele ampliada na essência do espaço escolar. Neste ponto de vista, Fonseca(2003, p. 89) diz que é necessário refletir sobre a disciplina de história como "fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora".

Deste modo, a aula de história permite a construção do conhecimento histórico por meio da analogia entre educador e educando, modificando essa técnica em uma obra político, significando numa mudança consciente do improviso histórico. Nessa conjuntura, nota-se a seriedade do professor em ser mais que um pesquisador e aquele que produz a informação e não somente um carrasco reproduz as informações.

Portanto, nota-se a seriedade do professor em ser ainda um pesquisador e aquele que conduz o conhecimento e não somente um simples executor dos conhecimentos já determinado. Portanto o professor é imprescindível quando permite a mudança de um saber histórico em um saber acessível e influente para a concepção do aluno.

É imprescindível ao professor de História do Ensino Fundamental prover os alunos de ferramentas para desatravancar. "O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros." (Freire, 1996, p. 59). Sob este dito freiriano o ensino de História se faz essencial para a concepção dos episódios históricos do passado.

O professor de História tem o acordo de instalar uma educação ajustada no padrão de uma visão sistêmica, com olhar decisivo e compassivo para a ação da edificação da História. Dessa maneira, o papel do professor de História nas séries iniciais precisa ocorrer na gerência da conversa em unto com os alunos e a comunidade escolar, estabelecendo desse jeito numa técnica educacional essencialmente popular, estabelecido em conjunto, delimitado pelo incremento de competências de esperteza, análise e autoconhecimento com sujeitos de uma era e espaço.

4. O LÚDICO E O ENSINO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

Essa veracidade, em alto grau no que se descreve a respeito do lúdico e a ludicidade no processo de ensino-aprendizagem não é uma novidade. Piaget (1976) já protegia os aditamentos do jogo na ação da percepção da criança. Já Vygotsky, observa a seriedade do jogo para se estabelecer as metodologias interativas básicas para o desenvolvimento social e cognitivo (REGO, 1995). Porém Rau (2011), numa literatura mais atual, garante que trabalhar com a ludicidade harmoniza ao professor a noção a respeito do fato lúdico de seus alunos, assim como suas preocupações e obrigações. Para uma melhor limitação conceitual de esse tema perpetrar-se explicitar o que significa como "ludicidade" e "lúdico". de modo unânime se integra o lúdico ao encanto e ao entretenimento.

Luckesi (1998) determina a presteza lúdica como àquela favorável a "plenitude da experiência", não implicando em ser agradável ou não, porém perdendo de modo integral o sujeito do ato na presteza alcançada. E conclui que: "enquanto estamos verdadeiramente participando de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade" (Luckesi, 1998).

Luckesi (2005), em Ludicidade e atividades lúdicas, transporta uma visão de ludicidade ficando numa condição interna do eu, experimentada exclusivamente pelo individuo, ainda que no grupo. Denota-se descrever que, apesar da sala de aula a atividade lúdica signifique ser alcançada coletivamente, a experiência da ludicidade é um experimento de caráter reservado para cada indivíduo. Trabalhar com ludicidade, é o oposto do que se pode imaginar, não se deve admitir que a brincadeira reprimisse o ambiente de trabalho e facilmente entreter-se. Determina primeiramente uma organização teórica para que exista qualidade na seleção do brinquedo, do ambiente e dos materiais apropriados. Assim sendo, o jogo precisa ser visto "como um meio de estimular o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, linguístico e psicomotor e de propiciar aprendizagens específicas" (RAU, 2011, p. 96).

O lúdico como saída do método de ensino é ajustado numa disputa corriqueira

na concepção de professores da educação infantil, Fundamental I e Fundamental II. Embora dar sabedoria já aceita que o lúdico é um ponto de vista admirável e constante em todos os estágios de nossa vida (HUIZINGA, 1971; SANTOS, 1997), podendo não ser discutido e, até mesmo, exercitado como um recurso didático entre os professores.

Segundo Kishimoto (2008), o lúdico se explica na educação primeiramente por ser um recurso pedagógico; por haver elementos do dia a dia e despertar o empenho do educando; E terceiro, pois os jogos e problemas permitem aos professores ressaltar capacidades e interesses dos alunos.

Segundo Lopes (2002), o lúdico, na situação escolar, permite trabalhar o desgosto, rever limites, expandir a aptidão de efetivação, ampliar a autonomia, expandir a reflexão e a cautela, desenvolvendo o raciocínio lógico e a inventividade. Compreende-se que o lúdico amplia o domínio emocional, motivando a autoconfiança e a mais perfeita noção das probabilidades e limitações particulares. Permite também a aprendizagem do indivíduo, exercendo um papel que alivia as tensões e obrigações, instigando o aluno a se integrar no processo de ensino-aprendizagem (RAU, 2011; CASTRO, 2010; LUCKESI, 1998).

A educação básica tem informação de uma grave dificuldade: os alunos não estão estudando história como precisariam. De modo genérico existe uma mudança de culpabilidades, professores assinalam os alunos sem qualquer empenho e alunos assinalam professores despreparados. A disciplina de história é uma das que mais ocasionam indiferença, segundo os diálogos com os alunos. Essa indiferença pode ser esclarecida por meio do distanciamento dos conteúdos com o habitual, os alunos não observam a definição em proporções das personalidades, datas e acontecimentos e todo o artifício de arquivamento que é imposto ao ensino de história nas escolas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de história, uma das competências que um aluno de ensino fundamental precisa desenvolver é: "reconhecer as mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço" (PCN, p.41).

A história precisa ser percebida como uma disciplina que objetiva incluir o passado com o presente, uma construção indispensável para se envolver os procedimentos e o significado da coletividade e que, por conseguinte não precisa ser descuidada. Compreende-se que a destreza da docência se conforma com um campo complicado, não precisa ter um amplo conhecimento no âmbito de desenvolvimento, à docência estabelece conhecimentos exclusivos, experimentados e igualitários.

O livro didático é respeitável, pois por muitas vezes é o único material a disposição do aluno, porém, compete ao professor sugerir de acordo com Caimi, "atividades desafiadoras" que promova as competências e habilidades dos alunos. Procurando extinguir o processo de memorização e estabelecer uma aprendizagem significativa, que possibilite aos alunos que estudem de modo prazeroso, no qual o ambiente escolar se apresente como favorável a aprendizagem, juntando o ensino e aprendizagem, indicando pesquisar diferentes instrumentos de aprendizagem que promovam no aluno o conhecimento prazeroso da História.

Lúdico é um termo que vem do latim "ludus" que constitui no brincar, procurando integrar a brincadeira ao processo de aprendizagem. Santos assinala que o uso do lúdico como material pedagógico ajusta ao aluno vivenciar ocasiões que consentem a socialização, instiga a concepção das ações cognitivas igualitárias, culturais entre outras. Abrangendo o lúdico muitas vezes como somente uma brincadeira, entretenimento, buscou-se averiguar também, as prerrogativas e adivinhações encaradas no uso do lúdico na sala de aula, incluindo os saberes acadêmicos com a ludicidade, harmonizando uma grande incitação ao desenvolvimento cognitivo.

É conhecido que quaisquer problemas do aluno é instruir-se de modo expressivo, fundamentado na teoria de Ausubel, se percebe que esse exercício se torna competente porque o aluno inicia a partir do que ele já conhece, isto é, a partir de quando o aluno estabelece suas opiniões.

Segundo Moreira,"a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação se ancora em conceitos relevantes (subsunções) preexistentes na estrutura cognitiva" (MOREIRA, 2006, p.15). O ensino dessa teoria mostra-se acentuado, porque abrange a técnica de aprendizagem a que esses alunos reprimem, conjecturará em melhores instrumentos que auxiliará o ensino e aprendizagem.

De acordo com Moreira (2006), do modo em que esses novos materiais abordam à composição racional, entusiasmam e transforma os materiais já existem, sucedendo o que ele designa de influência mútua, os quais posteriormente serão unificados a composição cognitiva de modo não eventual e não rigorosa. A técnica de armazenamento dos conhecimentos na mente humana se apresenta de modo organizado, no qual os subsídios característicos se vinculam a imaginações e considerações mais originais, gerando uma aprendizagem significativa.

Segundo Santos (2001) a partir da década de 90 as escolas no Brasil começaram a discorrer e a debater o modo das atividades lúdicas em sala de aula como recurso pedagógico para ajudar na constituição da informação. Embora o lúdico seja oferecido como um instrumento que se se amolda bem a sala de aula, na qual o jogo é revelado como uma maneira de instruir-se transversalmen-

te por meio da brincadeira, aprimorado em uma compreensão de educação que vai mais adiante do ensino, não existiu um bom consentimento, sendo inutilizado.

Empregar o lúdico no ensino de história é uma inovação que pode ser aproveitada para motivar os alunos, induzindo-os a observar e abranger um acontecimento e a despertar a curiosidade. Entretanto, esta nova linguagem não precisa ser empregada para suprir os conteúdos e as atividades apreciados como habituais, muito menos como procedimento para "salvar o ensino de história." (FERMIANO, 2002, p.4).

Uma aula lúdica gera tanto nos alunos, quanto no professor, os tornando sujeitos ativos que os compreende, acendendo não somente na forma como o professor ensina, porém no modo como o aluno concebe o que está sendo provido e qual o seu comportamento nesse processo. Entretanto, se envolve em muitas dificuldades para o educador perpetrar analogia com o lúdico aos conteúdos, por motivos assim como a falta de materiais didáticos, o aceitável desconhecimento do professor com o uso do lúdico na sala de aula, a ausência de estrutura das escolas públicas e por pirraça. A aversão do professor para usar atividades lúdicas em sala de aula está ajustada aos aborrecimentos de aparência, ou seja, que o professor resiste, porque é uma atividade que não é combinado com o contorno tradicional de ensino com o que ele é habituado, ainda que este conceito novo fique ajustado com o seu pensamento ele permanece sendo inovador, e excepcionalmente a provocação de inovar aproveitando essa e outras técnicas pedagógicas nem sempre é enfrentado de modo positivo pelos professores.

A ausência de qualificação do professor para o uso do lúdico em sala de aula representa um amplo risco, sendo o aspecto que o professor precisa se adaptar a dados intensos a respeito da ludicidade, a fim de adaptar aos alunos uma aprendizagem dinâmica. É imprescindível que os professores alcancem o lúdico como um instrumento que é integralmente condicionado a quem a domina. Compete ao professor aceitar seu componente para ampliar as capacidades e destrezas imperativas, percebendo também que "a educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão." (SANTOS, 2001, p.7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação tem um papel fundamental na concepção e acréscimo da história, abrangendo múltiplos fatores que entusiasmaram no futuro das nações. Tendo como finalidade gerar uma educação com propriedade de tornar as pessoas mais cidadãs, além de desenvolvimentos tecnológicos, políticos, econômicos e sociais, para que isso ocorra, o governo e suas esferas requerem Leis que influenciam nos níveis e fatores que abrangem o desenvolvimento e concepção de uma educação de qualidade a todos involuntariamente das disparidades existentes. Estas leis passam por alterações de acordo com os progressos da população como pendência entre diferentes necessidades de aprimoramentos.

É necessário perceber as ações do passado para incluir o desenvolvimento dos atos atuais e futuros, tanto de uma localidade, estado, país, continentes e até o mundo. O ensino fundamental exerce extraordinário papel no desenvolvimento intelectual e de atitude da criança, já que é nessa fase que a mente da criança está em desenvolvimento. Este fator explica a precisão de informar usando exemplos do dia-a-dia dos alunos, para melhor significarem. Nesta definição, os familiares precisam fazer parte da constituição da educação dos alunos por apresentarem contatos muitos próximos, compartilhar do cotidiano das crianças e mais adiante de significarem padrões a serem seguidos pelos mesmos.

Não se pode refletir sobre o ensino de História, sem fazer citação aos PCNs (BRASIL, 1997) que assinalam que os estudos do ensino de História nas Séries Iniciais precisam partir da história diária da criança em seu tempo e espaço, compreendendo argumentos históricos, partindo do tempo presente e denunciando a existência de tempos passados, e costumes de vida e culturas desiguais dos que aceitamos. Desse modo, o professor precisa trabalhar atividades que abranjam questionamentos, pensamentos, críticas, pesquisas, explanações, confrontamentos e disposição de conteúdos históricos. Desse modo, faz-se indispensável que o ensino de História cause uma ponderação crítica, com a finalidade de que os alunos se conheçam como agentes históricos. É respeitável que a História seja percebida como a consequência da ação de distintos grupos, esferas ou classes de toda a sociedade. É admirável que o aluno aceite a história como a história da produção de todos os homens e não como consequência da ação ou das opiniões de poucos. Neste sentido, o ensino dessa disciplina precisa acometer na individualidade do aluno, mencionando então pressuposições para que este intervenha na sociedade do jeito difícil enquanto sujeito histórico. Aprender história vai além de decorar nomes e datas. É desvendar, avaliar acontecimentos do passado, perceber as atividades do homem do mundo. É por meio dela que as semelhanças postas em uma determinada época pode ser estudadas, podendo compreender as transformações, oposições e durações com o passar do tempo. Apreciar a sua história deixa o sujeito incluir o que sucede nesse lugar, entender que o município faz parte mundo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação e da Pedagogia: Geral e Bra-